

CONCEPÇÃO DOS ALUNOS DOS CURSOS DE LICENCIATURA PLENA DO IFPI – TERESINA SOBRE A PROFISSÃO DOCENTE: DESAFIOS E SUPERAÇÕES DA PRÁTICA PROFISSIONAL

Ruth de Moraes LIMA (1)

(1) Instituto Federal do Piauí - IFPI, Rua Álvaro Mendes, nº 1597/Centro – CEP: 64000-040 / Tel.: (86) 3215.5222 – Fax: 3215.5206, Teresina – PI, e-mail: rutthlima@hotmail.com

RESUMO

Esta pesquisa se propõe a analisar a concepção que os alunos de licenciatura dos cursos de Biologia, Química e Física do IFPI (Teresina/Central) possuem da profissão docente, enquanto jovens professores, bem como identificar as dificuldades da profissão, os macetes adquiridos para superação de problemas e a colaboração da formação inicial para o exercício de sua ação pedagógica. Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de campo. A investigação ocorreu no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí em Teresina, com os alunos que cursavam a disciplina de Prática Profissional I, no caso dos cursos de Licenciatura em Biologia e Química no turno tarde e Prática Profissional III para os licenciandos do curso de Física, turno noite. Para estes, ocorreram encontros para relatos de experiência quanto à prática docente nos horários das disciplinas mencionadas que foram registrados pelo investigador. Ao final da pesquisa foram aplicados questionários com perguntas semi-abertas para maior fidedignidade das interpretações e análise de resultados. Comprovou-se certa desmotivação dos acadêmicos quanto à profissão, e que alguns desejam mudar de ofício. Outros desenvolveram macetes para superação de problemas e esperam crescer em conhecimento e experiência.

Palavras-chave: jovem professor, profissão docente, formação inicial.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente o ofício de professor é uma das profissões que mais apresenta retorno financeiro imediato ao seu possuidor. Não é preciso sequer que o graduando em licenciatura termine o curso superior para ingressar na carreira. A maioria deles já emprega-se a partir do quinto módulo do curso. Sendo assim, o ofício de professor ainda é uma das profissões mais procuradas (sobretudo na educação infantil e fundamental menor), fazendo com que o mercado de trabalho receba todos os dias professores iniciantes que irão descobrir os percalços dessa carreira.

Apesar de a profissão docente ser atraente do ponto de vista empregatício para muitas pessoas, não se percebe mais na sociedade aquela valorização e respeito pela profissão educacional. A maioria dos pais que lutaram pela educação de seus filhos não anseia hoje por esse ofício para seus rebentos. Com o passar das décadas, gradualmente perdeu-se o “encantamento” pela profissão docente. O que se vê é um esforço do sistema educacional para reavivar na sociedade a importância da profissão de professor. Mas quanto aos graduandos das licenciaturas, aqueles que optaram por esse exercício, como eles percebem a profissão para a qual estão se formando? Sentem eles orgulho de sua profissão? Ela lhes dá satisfação?

O que se nota nos cursos de licenciaturas, sobretudo nas exatas, é uma grande evasão ainda no primeiro módulo do curso que escolheram, principalmente nas “exatas”. E dos que persistem, quando se inicia os estágios supervisionados, percebe-se uma espécie de “desencanto” quanto à ação docente. Outros iniciam sua carreira ainda precocemente, deparando-se com as dificuldades e surpresas da prática profissional e, sem ter noções de como “ser”, “saber” e “fazer” internalizam uma visão desesperançada da educação. Não conseguem ver como as teorias pedagógicas podem fazer sentido na “prática” em sala de aula com “situações reais”. Dessa forma, ao final do curso são poucos os remanescentes para o ofício de professor. Quais seriam então, as dificuldades mais incômodas da profissão para os jovens professores? Quais os macetes desenvolvidos para superar situações problemáticas reais? Em que medida a formação inicial auxilia o professor iniciante no exercício da prática pedagógica?

Para obtenção de respostas a essas questões, se fez necessária a execução dessa pesquisa que visa propor reflexões acerca da profissão docente, pois é imprescindível que o profissional sinta prazer e satisfação no trabalho que exerce, apesar das circunstâncias.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O professor e conferencista Perissé (2009) foi questionado sobre o porquê “dos muitos jovens professores desistirem da carreira docente” e o sobre o que estaria “faltando nos cursos de formação dos novos mestres para que eles consigam cumprir, na prática, as pedagogias de ensino que lhes são repassadas na universidade?” Essas são as mesmas indagações de muitos profissionais que percebem a desvalorização do seu ofício. Porém é necessário refletir sobre quem é o professor, quais as dificuldades da prática, como se dá sua formação inicial e se há possibilidades de satisfação pessoal na docência apesar das circunstâncias.

2.1 A pessoa do Professor e os desafios da profissão

Para Silva (2005), “o professor é um indivíduo que constrói na sua vida e na sua formação a sua própria visão de mundo. Ele não pode ser visto como um mero robô que executa e processa informações.” Ele possui independente da profissão, suas crenças, valores e saberes que leva consigo para sala de aula. Mescla saberes oriundos da formação inicial com os que já estavam internalizados, pois antes mesmo “de ser professor, ele já foi aluno, foi filho, muitos foram filhos ou parentes de professores”. A mesma autora afirma que “o professor é um ser social, constituído e constituinte de seu meio. Como pessoa, age e sofre as ações de sua sociedade; ele constrói e é construído por ela; portanto, o professor é um construtor de cultura e de saberes e, ao mesmo tempo, é construído por eles.” Em outras palavras, ele vive em integração com outros agentes humanos, nas mais diferentes “esferas da vida: trabalho, lazer, descanso, atividade social, intelectual etc., vai se constituindo aí como pessoa e profissional.” Não é o super-herói que vai resolver todos os problemas e nem aquele que nunca pode errar. É um ser dotado de humanidade e por consequência, de todas as limitações implicadas. Este ao longo de sua existência passa por todas as fases da vida: juventude, ser adulto e velhice, agregando valores, costumes e saberes, provenientes da profissão ou não. Quando se decide pelo ofício de professor, este se reporta a todos os ensinamentos significativos para atuar na profissão. Com o passar dos anos o docente consegue criar uma rotina própria, com características que lhe são peculiares e seu cotidiano segue uma sequência de atos ou de hábitos arraigados.

Porém, esse percurso que o jovem professor faz até tornar-se experiente e de fato profissional, sofre muitas transformações. Vão desde a escolha do curso de licenciatura, das dificuldades que precisam ser superadas, dos conhecimentos adquiridos e da certeza ou não de prosseguir com a profissão. Tudo inicia com o seu primeiro contato com a escola, ainda nos estágios da graduação, onde o mesmo observa a comunidade escolar como um todo. Posteriormente assume a profissão mentalizando os desafios que terá que superar. Perissé (2009) aponta como uma das dificuldades do jovem professor o fato dele ser “jogado” em sala de aula. “Há escolas em que o professor novo é lançado nas piores salas, nas mais problemáticas.” Esse tipo de atitude segundo o autor não proporciona nenhum aprendizado ao novo integrante da escola. “Seria interessante se nos primeiros anos de atividade profissional ele fosse acompanhado pelo coordenador. O acompanhamento evitaria desistências, relaxamento e cinismo com a profissão.” Arelado a isso, vem o choque com a realidade, quando este “se confronta com problemas de controle de sala de aula, no conflito entre aprendizagem e disciplina dos alunos”. Essa sequência de fatos gera no jovem professor uma sensação de abandono e desconforto que segundo Silva (2005), “muitas vezes o aconselhamento com os mais velhos contribui para seu poder em sala de aula e mais ainda, vem compensar o seu sentimento de solidão.” Entre outras dificuldades encontram-se os baixos salários, condições ruins de trabalho, carência de recursos, más condições da estrutura escolar e etc.

2.2 Formação Inicial: uma salvaguarda para o jovem professor

Diante do exposto, é essencial uma boa formação inicial que lhe garanta suporte pedagógico profissional para exercer a docência. Então, como se desenvolvem os cursos de licenciaturas nas IES? Como a formação inicial pode contribuir para uma prática docente reflexiva? Cafardo (2010) comprovou que faltam professores nas escolas públicas. No teor de sua pesquisa relatou que políticas estão sendo implantadas para incentivar os jovens a ingressarem nos cursos de licenciaturas. Mediante a mesma autora, “isso acontece porque de acordo com os dados do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) de 2008 faltam em todo Brasil 240 mil professores graduados da 5ª série do Fundamental ao Ensino Médio.” A carência de

educadores é maior para as áreas de Física, Matemática e Química. Cafardo (2010) afirma que, “apenas 25% dos professores que ministram aulas de Física são graduados e somente 38% os que lecionam o ensino de Química. A matéria prossegue afirmando que entre os anos de 2001 – 2008, em todo país formaram-se apenas 7 mil professores de Física.” São dados preocupantes para a educação da nação. Embora haja uma lei federal que apóia o teto salarial do professor em R\$ 1.024,00 por trinta horas semanais, o déficit de profissionais de áreas específicas continua alto. Neste caso, não seria suficiente aumentar o salário do professor para tornar a carreira atraente e sim dar condições necessárias de trabalho para o docente. Outros se apóiam na idéia de que os jovens professores são mal formados e, portanto não adquiriram competências suficientes para gerenciar uma sala de aula. Que cursaram uma formação inicial repleta de teorias que não se aplicam as reais necessidades das escolas.

Apesar disso, são nas Instituições de Ensino Superior que os futuros professores deverão construir seus conhecimentos a respeito da docência, desenvolver competências e habilidades para profissão. Para tanto, as aulas precisam atender às novas exigências educacionais, precisam aproximar a teoria da realidade, contextualizando o conhecimento adquirido, provocando reflexões significativas sobre as situações adversas que poderão encontrar. Masetto (2009) afirma que “é importante que o professor universitário desenvolva uma parceria de co-responsabilidade com os alunos [...], estimulando-os a atualização contínua do conhecimento, a pesquisa, a cooperação, a solidariedade, a criticidade, a criatividade e o trabalho em equipe.” Sendo assim, é evidente a importância da formação inicial para o jovem professor. Pimenta e Anastasiou (2005) escrevem que “cabe aos professores, institucionalmente organizados, proceder ao conhecimento e à identificação de quem são seus alunos, o que pensam, o que sabem, suas expectativas, a visão que têm do que é ser profissional da área escolhida.” Não menos importante é “descobrir os motivos que os levaram ao curso, expectativas quanto a ele, habilidades que dominam, são importantes para a compreensão da pessoa de cada aluno e das características dessa geração universitária com quem se partilha a sala de aula.”

No entanto, se os professores universitários possuem suas responsabilidades quanto ao processo de ensino-aprendizagem, logicamente os educandos/futuros professores também. O que Masetto (2009) defende é um regime de colaboração, uma relação professor-aluno saudável que permita a construção do conhecimento e de competências. Faz-se necessário que o estudante universitário desenvolva responsavelmente a parte que lhe corresponde favorecendo a existência do *feedback* e conseqüentemente do aprendizado. Sendo assim, juntos, professor e aluno terão suas expectativas alcançadas no processo de ensino-aprendizagem.

3 METODOLOGIA

Este Projeto de Pesquisa se caracteriza por ser de natureza qualitativa levando em consideração que “os pesquisadores perceberam que muitas informações [...] não podem ser quantificadas e precisavam ser interpretadas de forma muito mais ampla que circunscrita ao simples dado objetivo” (TRIVIÑOS, 1989). Para um melhor aproveitamento dessas informações é muito importante que o investigador encontre-se ativamente no local da pesquisa, por que “o pesquisador não fica fora da realidade que estuda, à margem dela, dos fenômenos aos quais procura captar seus significados e compreender” (TRIVIÑOS, 1989). Por tanto, quanto ao tipo, esta se configura em uma pesquisa de campo.

A mesma foi realizada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – IFPI, campus Teresina-Central. Os alunos selecionados cursavam as disciplinas de Prática Profissional I que corresponde ao quinto módulo dos cursos de Licenciatura Plena em Biologia e Química no turno tarde e Prática Profissional III, que corresponde ao sétimo módulo da Licenciatura Plena em Física, turno noite. Para a coleta das informações foram utilizados questionários semi-abertos e grupos de relatos de experiências. Esses relatos eram feitos oralmente e registrados pelo investigador em suas anotações, posteriormente, em outro momento, os alunos entregavam suas experiências escritas para que o pesquisador as arquivasse. Os relatos eram sobre experiências vividas pelos educandos durante o Estágio ou provenientes da profissão docente. As experiências eram relatadas em sala, em semicírculo, onde todos poderiam interagir espontaneamente, sempre no horário das disciplinas mencionadas, durante o período de dois meses. Ao final deste, foram aplicados os questionários para análise da pesquisa. Sendo assim, todos os instrumentos atuarão na pesquisa em regime de colaboração, um complementando a ação do outro para que se obtenham resultados mais fidedignos possíveis.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO

É inegável a importância do docente para a sociedade e na formação de cada indivíduo. Desde a mais tenra idade as pessoas deparam-se com a figura do professor em suas vidas. Torna-se uma figura marcante para muitos que aprenderam a amar ou odiar seus ensinamentos. Tenta-se identificar como uma figura tão persistente ao tempo teve sua imagem desvalorizada com o passar dos anos. Os resultados a seguir demonstram os pensamentos e anseios dos estudantes de licenciatura a respeito da ação docente em detalhes.

4.1 Do Questionário e Relatos de experiência

O questionário contemplou perguntas objetivas e subjetivas perfazendo um total de doze questões. A primeira refere-se ao tempo que estão exercendo a docência. Constata-se que a maioria já está lecionando mesmo cursando o quinto módulo do curso. São professores temporários, outros efetivos e apenas 16% não estão ainda no exercício da profissão. O tempo mínimo de experiência é de dois meses e máximo de quatro anos. A segunda questão faz referência à concepção que os graduandos possuem da própria prática pedagógica apesar de relatarem muitas situações adversas da profissão, a maioria considera a própria prática como sendo boa, satisfazendo suas necessidades conforme mostra o Gráfico 1:

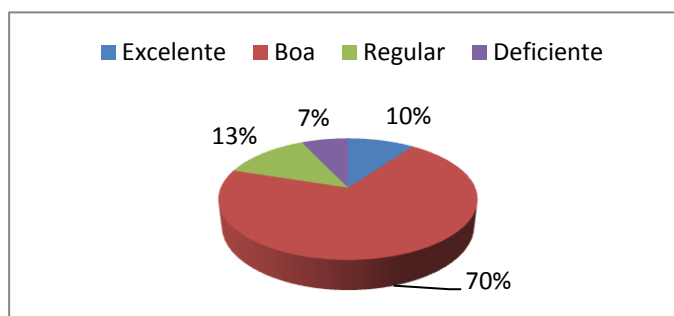


Gráfico 1- Como considera a própria prática docente

Os alunos da licenciatura obtiveram opiniões bem divididas quando questionados a quem eles atribuem o mérito do seu desempenho em sala de aula. Ficam divididos entre a Formação inicial e o Tempo de experiência, transparecendo que valorizam o conhecimento acadêmico, porém não descartam a experiência dos anos, como um fator de melhoramento da prática pedagógica. Quanto às formações continuadas nas escolas, não atribuem significado. Ver Gráfico 2:

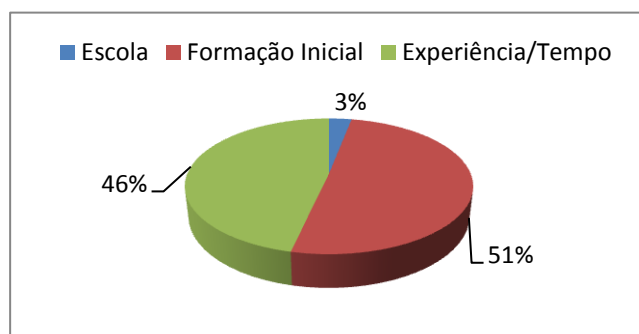


Gráfico 2 – Mérito pelo desempenho em sala de aula

Quando questionados sobre se a profissão docente lhes trazia satisfação pessoal, 76% responderam que ela trazia realização pessoal. Apontaram motivos diversos, tais como: prazer em lecionar bem; porque ficam mais próximos dos alunos e de suas histórias de vida; por que não somente mediam o conhecimento, mas também aprendem com o alunado e por gostarem do ambiente escolar. Essas foram as mais mencionadas para a satisfação na profissão docente. Os outros 16% que não se sentem realizados na área, elegeram a falta de interesse dos alunos, a falta de estrutura escolar favorável ao trabalho e a desvalorização da profissão. Isso mostra que embora haja evasão nas licenciaturas, os persistentes realmente se identificam com a ação docente e encontram satisfação pessoal em realizá-la.

Perguntaram-se quantos pretendem mudar de profissão e para surpresa do investigador, constatou-se que embora 53% não tenham a pretensão de mudar de ofício, 40% dos acadêmicos pretendem deixar a docência e 6.6% estão indecisos quanto ao futuro profissional, apesar de gostarem de lecionar. A maioria dos acadêmicos que pretendem outra profissão mencionou o desejo de uma graduação em outra área, sendo a de Saúde a mais almejada. Outros apontaram o fator financeiro para não permanecerem no ofício. Os que pretendem continuar professam gostar da profissão e ansiarem por titulações mais altas, atualizando seus conhecimentos. Infelizmente a carência de profissionais graduados na área docente subsiste, pois parte dos licenciados exercem a profissão enquanto não encontram outra oportunidade que julgam menos cansativa, melhor assalariada e mais valorizada. Enquanto são jovens vêem a docência como um “quebra-galho” ou “trampolim” para outras experiências lhes sejam mais significativas.

Com respeito às dificuldades que encontram na prática escolar, 75% dos discentes mencionaram que já enfrentaram situações adversas na profissão. As mais citadas são: domínio da sala de aula, a indisciplina dos alunos, a falta de recursos, sobre tudo para aulas experimentais. Também foram lembradas: superlotação das salas, ausência do apoio familiar, falta de colaboração da gestão escolar, inexperiência na docência, a heterogeneidade dos alunos, estrutura escolar precária, conciliação entre estudo e trabalho, alunos agressivos, entre outros.

Diante das dificuldades elencadas, perguntou-se se haveria, segundo eles, um (alguns) fator (es) causador (es) das mesmas. 70% dos acadêmicos relataram a existência de um fator causador. As respostas foram as mais variadas possíveis, porém, o campeão dos fatores foi a desestruturação familiar com 23% das intenções. Outros lembrados foram: pobreza das crianças, ausência de relação professor-aluno, incompetência da gestão escolar, o ambiente social em que os alunos estão inseridos, entre outros. Sem dúvida, uma boa base familiar minimizaria parte das dificuldades relacionadas à cima. A escola luta insistentemente por aproximar a família do convívio escolar e estabelecer com ela uma parceria na construção e formação do indivíduo – aluno.

No questionário, questão nº 8, foram apresentadas várias opções de escolha sobre a quem os licenciados recorrem para pedir ajuda para superação das adversidades. Neste caso, o pesquisado poderia marcar mais de uma opção. Observe o Gráfico 3 e verifique quais são as salvaguardas dos jovens professores:

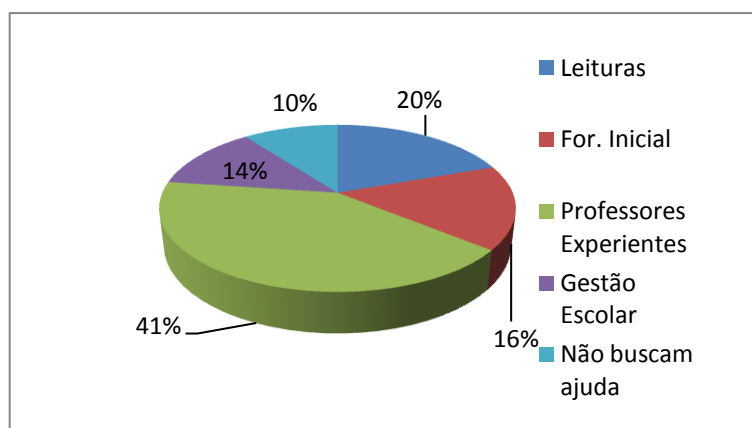


Gráfico 3 - Recorrem para obter ajuda e superar adversidades

A maciça intenção de votos foi direcionada para os professores experientes da área em 76%. Talvez por que estes já adquiriram com a experiência dos anos saberes que lhes permitam resolver mais rapidamente as situações problemas que surgem na escola. E o jovem professor, inexperiente, encontra no colega de profissão uma segurança maior quanto à sua prática, para tirar dúvidas e obter conselhos e como já foi mencionado por Silva (2005), para deixar a solidão e sentir-se parte integrante do ambiente escolar.

Sendo assim, questionaram-se quais seriam os “macetes” que (mesmo em pouco tempo de docência) eles adquiriram em sala de aula para superar os desafios que foram mencionados. A vasta lista surpreendeu o pesquisador, pois em tão pouco tempo de experiência, os discentes universitários conseguiram no exercício da prática pedagógica encontrar o seu próprio modo de “ser” e “fazer” na profissão, tais como: inserir música em suas aulas, dinâmicas, adequar-se às peculiaridades das turmas, trabalhar a interdisciplinaridade, incentivos para as resoluções das atividades, ter momentos descontraídos, planejar as aulas com antecedência, contextualizar o conteúdo, levar novidades da atualidade, ser gentil e atencioso, utilização de

aulas experimentais em laboratório e fora dele, esclarecer as regras de convivência em sala e fazê-las funcionar, utilização de recursos áudios-visuais, conhecimento da realidade dos alunos, dar pontos de participação e atividades realizadas. Para os mais tradicionais foram citados: memorização do conteúdo, o uso da autoridade e firmeza, e colocar à parte os indisciplinados. É válido lembrar que são acadêmicos de licenciatura em Física, Química e Biologia, justificando a tamanha diversidade de opiniões.

Pedi-se então, que descrevessem sobre a importância da Formação Inicial para sua ação docente. As mais lembradas foram: que a formação inicial auxilia no desenvolvimento profissional com 26% dos votos e que esta concede embasamento teórico científico tendo 40% das opiniões. Outras: que aproxima a realidade e ajuda a refletir se esse é o caminho (docência) que querem seguir. Ainda sobre o mesmo assunto, pediu-se que marcassem o nível de importância que atribuem à Formação Inicial. Como se pode observar no gráfico abaixo, 63% a consideram “muito importante” e 40% “importante”. Dos que responderam apenas “importante”, justificaram que nem tudo aprendem na formação inicial e sim com a experiência. Ver Gráfico 4:



Gráfico 4 – Nível de importância da Formação Inicial

Para encerrar o questionário indagou-se a respeito das disciplinas pedagógicas. Em vários momentos durante os relatos de experiências nas aulas de Práticas Profissionais no IFPI, os acadêmicos demonstravam certa descrença quanto à aplicação das teorias pedagógicas em situações reais cotidianas nas escolas, sobretudo nas Públicas. Embora boa parte do alunado concordasse que elas são importantes, em casos mais extremos, notava-se nas falas até mesmo hostilidade quanto às disciplinas pedagógicas, conforme citação abaixo:

“São superficiais. Não vejo aplicação, vejo professores que não fazem o que dizem. Há certa hipocrisia.”
[aluno A, 21 anos]

“Algumas são repetitivas, porém todas importantes.” [aluno S, 21 anos]

Parece que os acadêmicos ainda não assimilaram que em suas salas de aula, são puramente pedagógicos. Mesmo quando relatam os macetes adquiridos para o exercício da profissão estão se utilizando de teorias pedagógicas, conhecimentos de autores pedagógicos e, portanto, fazendo pedagogia. Apesar da grande importância dos conhecimentos específicos de sua área, são os conhecimentos pedagógicos que os habilitam a enfrentar os desafios da profissão docente e colocá-los em constante reflexão sua prática pedagógica e atuação enquanto professor. No gráfico abaixo é possível observar o nível de importância que atribuem às disciplinas pedagógicas. Ver Gráfico 5:

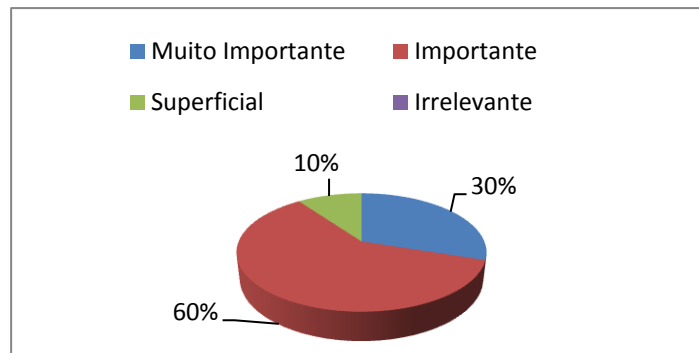


Gráfico 5 – Nível de importância das Disciplinas Pedagógicas

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível ser feliz sendo professor, apesar das adversidades? A resposta desta pergunta é extremamente subjetiva. Mas para os que amam a profissão, a resposta é instantânea. Toda a profissão tem suas dificuldades peculiares, existem bons e maus profissionais em todas as áreas. Nenhuma profissão está isenta de fracassos e dificuldades. Porém é possível superar desafios, conquistar vitórias e satisfazer-se na escolha profissional para vida. O fundamental é escolher bem o que se quer da vida. A área que realmente lhe satisfaz que lhe dar prazer ao exercê-la. Nunca foi dito que o caminho da docência seria fácil, ao contrário, é um trabalho de persistência, leituras individuais, conversas com os mais experientes, superação de medos e desafios. Para isso trilhar uma boa formação inicial e continuá-la é essencial, aproveitar os momentos de partilha do conhecimento, congressos, cursos, investir na carreira, porque é possível ter satisfação na ação docente buscando o seu diferencial.

Para o jovem professor, isso ainda não se apresenta com clareza, pois a questão financeira e reconhecimento são motivos fortes para quem está iniciando a docência, a própria indecisão quanto ao futuro deixa turvo o que seria melhor para sua vida profissional. Mas com certeza perceber se este (escola) é o local onde gostaria de estar, já é um início para definir e decidir o futuro. Pois quando não se define onde quer estar, corre-se o risco de está no local errado, com a profissão errada e, portanto infeliz.

É preocupante comprovar que o país sofre com a ausência de professores graduados, sobretudo na área das ciências exatas, conforme já foi mencionado. Mas para que a Educação dê certo no Brasil é mister que todas as esferas trabalhem em regime de colaboração (Governantes, Sistema Educacional, Gestão Escolar, Professores, Família, Conselhos etc.). Bem é verdade que o professor é um dos principais agentes de transformação, porém não pode recair sobre ele sozinho toda a responsabilidade de transformar a realidade escolar, é desgastante, se não, impossível. Cada esfera deveria cumprir fielmente suas responsabilidades. Por esta razão quando os jovens professores se deparam com essa realidade, como afirma Silva (2005), ocorre um “choque” que os tornam desestimulados. A boa notícia é que aos poucos, os que se identificam com a docência, procuram formas alternativas para a superação dos problemas, e felizmente encontram-se na profissão e decidem-se por ela. Seria fantástico que fossem a maioria, mas dos que ficam, estes fazem a diferença.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023** : Informação e documentação: Referências: Elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR10520**: Informação e documentação: Citações em documentos: Apresentação. Rio de Janeiro, 2002b.

CAFARDO, Renata. Faltam professores de Exatas e Biológicas nas Escolas Públicas. **Globo**, Rio de Janeiro, 11 de julho 2010. Disponível em: <<http://www.oglobo.com.br/fantástico>>. Acesso em: 15 julho 2010.

GAUTHIER, Clemont. TARDIF, Maurice. **O Professor como “ator racional”: que racionalidade, que saber, que julgamento?** Tradução Fátima Murad e Eunice Gruman. 2ªed. São Paulo: Artmed, 2001.

MASETTO, Marcos T. (Org.).**Docência na universidade**. 10ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2009.

NÓVOA, Antônio (Org.). **Profissão Professor**. 3ª ed.Portugal: Porto Editora, 1999.

PERRENOUD, Philippe. **O trabalho sobre o habitus na formação de professores: análise das práticas e tomadas de consciência**. Tradução Fátima Murad e Eunice Gruman. 2ªed. São Paulo: Artmed, 2001.

PERISSÉ, Gabriel. Não existe uma única solução para a Educação. [Editorial]. Profissão Mestre, n.114, p.4-6, mar., 2009.

PIMENTA,Selma Garrido e ANASTASIOU, Lea das Graças Camargos. **Docência no ensino superior**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2005. (Coleção Docência em Formação)

SILVA, Rita de Cassia da. **O Professor, seus saberes e suas crenças**. *In*: GUARNIERE, Maria Regina (Org.). Aprendendo a Ensinar: o caminho nada suave da docência – polêmicas do nosso tempo. 2ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005, p. 27-41.

SOUSA, Soraia R. Goudinho de. FIGUEIREDO, Antônio Macena de. **Como elaborar Projetos, Monografias, Dissertações e Teses: da redação científica à apresentação do texto final**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2008.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Tradução Francisco Pereira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TRIVINÕS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.